

EDITORIAL

É com grande alegria que apresentamos a *Revista Brasileira de Musicoterapia* número 10. A realização dessa publicação é fruto de um grande esforço e do trabalho colaborativo de muitos: autores, pareceristas, comissão editorial, além do apoio das Associações Brasileiras de Musicoterapia e do secretariado da UBAM. Outra conquista realizada neste último trimestre foi a digitalização de todas as Revistas Brasileiras de Musicoterapia, que hoje estão disponíveis para consulta na página online da UBAM.

Desta forma a *Revista* segue trabalhando para que as produções científicas dos musicoterapeutas tenham visibilidade e circulem nos meios acadêmicos e profissionais, discutindo as realidades investigadas e nosso papel como pesquisadores comprometidos com o avanço de nossa profissão.

Iniciamos esta edição com o artigo “Musicoterapeutas pesquisadores – uma atualização de dados e sugestões para futuros encaminhamentos” de Claudia R.O. Zanine, Clara M. Piazzetta, Bárbara Trelha, Leonardo Borne e Leonardo Albuquerque que traz um panorama através dos dados sobre a pesquisa de musicoterapeutas no Brasil em programas de pós-graduação *stricto sensu* diversos. O trabalho trata dos resultados do Grupo de Trabalho em Musicoterapia do XIX Congresso da ANPPOM- Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2009.

No segundo artigo “Musicalidade, cognição e estética: realidades da clínica musicoterápica”, de Clara Marcia Piazzetta, apresenta uma reflexão sobre a percepção estética na Musicoterapia a partir de bases clínicas. A autora usa como base teórica a abordagem da Musicoterapia Criativa (Nordoff & Robbins) e seus conceitos de *music child*, *condition child* e da Musicoterapia Musico Centrada conceito de *Musicing*. A discussão do tema foi realizada a partir do uso das cirandas e sambas no contexto musicoterapêutico de um cliente que experimentou na música e com a música formas de ser e compreender o mundo em que vive e que interage.

O terceiro artigo intitulado: “Musicoterapia comunitaria, contextos e investigación”, a musicoterapeuta argentina Patricia Pelizzari expõe as aspectos práticos e teóricos da Musicoterapia Comunitária. A investigação utiliza o método de ação participativa e a abordagem comunitária do sociólogo Fals Borda. O artigo também traz uma matriz construída pela autora para o monitoramento de trabalhos em grupo.

No quarto artigo “Centro de Atendimento e Pesquisa em Musicoterapia em uma Instituição de Ensino Superior na cidade de Curitiba”, de Clara M. Piazzetta, Noemi N. Ansay e Rosemyriam Cunha. O artigo relata a história e o funcionamento de um Centro de Atendimento e Pesquisa em Musicoterapia (CAEMT) evidenciando a importância da prestação de atendimentos de Musicoterapia à comunidade, a experiência das vivências abertas em Musicoterapia e o trabalho de pesquisas e estudos desenvolvidos com os acadêmicos do curso de Musicoterapia na Faculdade de Artes do Paraná.

No quinto artigo “A Musicoterapia e o uso das canções religiosas no tratamento de pacientes com insuficiência renal crônica sob hemodiálise”, as autoras : Thâmile Ferreira Vidiz , Claudia R.O. Zanini, Ângela Alessandri M. de Castro e Marcela Emília C. de Siqueira discute e analisa a presença da música religiosa no atendimento de pacientes com insuficiência renal, partindo da premissa que o homem é um ser bio-psico-social-espiritual. Após a realização de dez atendimentos, com sete pacientes, evidencia-se aspectos musicais relacionados as temáticas: o Sagrado como razão para a existência; a culpa e a representação de Deus; o auxílio para conforto espiritual e reconciliação; a esperança, a fé e o milagre. As autoras trazem os resultados da pesquisa mostrando que no processo musicoterapêutico a religiosidade/espiritualidade não deve ser desconsiderada, pois pode constituir-se como um aspecto facilitador do processo terapêutico.

No sexto artigo “Improvisação no *setting* musicoterápico: uma experiência com pacientes adultos cegos”, de Marina Reis Toffolo e Mara Reis Toffolo, as autoras relatam o trabalho de improvisação realizado com pacientes adultos cegos na instituição APAE – Ouro Preto, no ano de 2008. Por meio da técnica da improvisação os pacientes fizeram música, de várias maneiras, o qual possibilitou a expressão de sentimentos internalizados, que oportunizaram desta forma uma ampliação da autonomia física e emocional desses pacientes.

No sétimo artigo “Relato de experiência musicoterapêutica de paciente adulto com deficiência mental moderada”, de Ludmila da Castro Silva, Talita Faria Almeida e Tereza Raquel M. Alcântara-Silva, as autoras relatam uma experiência referente ao processo musicoterapêutico de nove sessões, de um paciente com diagnóstico de deficiência mental moderada. A descrição desse caso possibilitou constatar os

resultados que a Musicoterapia trouxe à vida do paciente no resgate de sua subjetividade.

No oitavo artigo “Ritmo e dificuldades de aprendizagem: possibilidades de intervenção” as autoras: Claudia das Chagas Prodossimo e Tatiana Izabele Jaworski de Sá Riechi descrevem e analisam os resultados de um estudo longitudinal e de caso controle, cujo objetivo foi verificar uma possível associação entre o desenvolvimento do senso rítmico e a sua relação com os aspectos prosódicos da leitura e da compreensão de um texto. Através dos dados da pesquisa foi possível concluir que as atividades rítmicas são um instrumento de estimulação e reabilitação no que diz respeito a reabilitação cognitiva nas dificuldades de aprendizagem.

No último artigo “A música e a musicoterapia na escola: sons e melodias que permeiam o processo de inclusão em uma escola de ensino fundamental na cidade de Curitiba” as autoras Magali Dias e Rosemyriam Cunha, descrevem e analisam os processos da prática musicoterápica em uma escola de Ensino Fundamental que acolhem em seu quadro alunos com necessidades especiais. Foram aplicados protocolos de observação, registrando as reações físicas, cognitivas e emocionais dos alunos no decorrer de atividades e interações musicais. Os resultados da pesquisa mostraram que a música, como elemento mediador nos atendimentos de musicoterapia, possibilitou alternativas de comunicação e expressão física, emocional e cognitiva do grupo de crianças participantes.

Para finalizar essa edição, cito o mestre Paulo Freire (1996)¹: “O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também de quem intervém como sujeito de ocorrências”. Portanto, como sujeitos atuantes e não somente expectadores da realidade do mundo contemporâneo, concluímos esse trabalho, convictos de que a construção coletiva é um caminho possível e desafiador para os Musicoterapeutas-Pesquisadores em nosso país.

Noemi Nascimento Ansay

Editora Geral

¹ FREIRE, P. A pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.